

1

Dois passos para trás

NAQUELE MOMENTO, MAIS DO QUE TUDO, ORION QUERIA MATAR quem merecia morrer.

Seguíam os três companheiros, ou dois e um de fora, com cinzas até as canelas, vadeando num lodaçal calcinado, cinzento e negro, que feria as gargantas e gretava os pulmões. Estavam longe das rotas principais, não arriscando a falha de não serem súditos, caso topassem com uma patrulha. Embora houvesse estradas e cidades no reino, e embora houvesse terra fértil abundante, aquela região era apenas um enorme lago de cinzas, sopradas em nuvens e ondas por ventos escuros. Perto, dois pequenos vulcões mal-humorados. Aquilo podiam ser restos de qualquer coisa — florestas, cidades, pedras, gente. Todos reduzidos, desfeitos, limpos, tornados homogêneos por algum fogo absurdo. Os três erguiam os pés, temendo afundar de súbito em alguma profundidade oculta. Doíam pernas, doíam costas. Mas Orion sempre à frente, coberto de fuligem, sem desvio e sem descanso, sentindo-se cada vez mais perto de quem precisava matar.

— Chega — disse Darien, e corcoveou num acesso de tosse. — Isso é loucura, vocês são loucos. Há quantas horas não paramos?

Ingram estacou, voltou-se para trás. Tentou limpar a cinza dos bigodes, disparou uma expressão gelada.

— A dica foi sua, garoto.

— Nós não sabemos *quando* —

— Logo.

Darien acalmou o peito com a mão espalmada, tentou achar um pouco de ar puro.

— Eu não pedi para vir junto — ofegou.

— Eu poderia perguntar se você preferia sua vida como estava — disse Ingram, rosnando um sorriso. — Poderia até dizer que você deve isso a Orion. Mas a verdade é que, se for uma armadilha, pirralho, nós vamos arrastar você também para a boca do lobo.

— Eu já disse, *não é* —

— Uma vez traidor, sempre traidor.

Darien calou-se. Ingram Brassbones permaneceu um instante, sustentando seu rosto em dois olhos plenos de desconfiança. Era um anão, atarracado e forte como uma granada, e as cinzas chegavam-lhe quase à cintura. Bigodes louros e queixo escanhoado, capuz negro e rifle às costas. Pistolas no cinto, e um grande saco de viagem, onde levava sua preciosa pólvora, ferramenta de construir e destruir.

Os dois prestaram atenção, e Orion continuava, sem ter perdido um passo. Não havia discutido, nem mesmo ordenado um cale a boca. Seguia em frente, a barba espessa cobrindo a boca fechada, olhos finos contra o alfinetar das cinzas, numa obstinação transcendental. Ingram suspirou, tossiu, e seguiu marcha.

— Como eu poderia ter preparado uma armadilha *aqui*? — disse Darien, recuperando a distância.

— Tenho certeza de que você consegue arranjar a quem se vender em qualquer parte do Reinado.

Olhos ardendo de cinzas, e de desprezo.

Estavam em Sckharshantallas, o Reino do Dragão — o que, Ingram tinha de admitir, era tão longe de casa quanto qualquer um deles já estivera, em qualquer sentido. Um lugar regido a disciplina e fogo pelo dragão vermelho Sckhar, rei de sua raça, adorado como um deus e uma das mais poderosas criaturas de Arton. Em Sckharshantallas, havia satisfação, havia respeito e amor. Havia até mesmo felicidade, e até riqueza. O povo vivia numa confortável cela de ferro, algemado com grilhões de ouro, desde que não forçasse as correntes. O reino era um aquário, um vaso de planta, para seu regente — seu domínio, seu brinquedo, sua propriedade. Os habitantes sustentados e protegidos, enquanto fossem interessantes e ornamentais. A nação, membro do Reinado, era toda o grande covil do Dragão-Rei. Dono de tudo que enxergava, Sckhar impunha leis rígidas e mesmo arbitrárias, mas justas, a seu modo. Como um lorde pode fazer dentro de seu castelo, ou uma mãe dentro de sua casa.

— Aposto que isso tudo eram várias fazendas, até Sckhar ter se irritado com alguma coisa — disse Ingram, acertando o passo com Orion.

O outro não respondeu. Rosto à frente, sem olhar o amigo, sem parecer tê-lo ouvido. Seguindo, em marcha, para matar.

Coberto de cinzas, Orion Drake não era muito diferente do habitual. Um homem já cinzento, de longos cabelos grisalhos e barba de aço de espada, olhos de pedra e sobrancelhas retas. As costas, verticais e inflexíveis, sustentavam os ombros maciços, que sustentavam o peso do mundo. Cavaleiro por destino, vocação e nascimento, era senhor de terras, sob o estandarte do Corvo, membro da Ordem da Luz, general, herói de guerra e líder contra a Tormenta. Bastardo, desgraçado. Sem seu filho, raptado por seu pai criminoso, e sem sua mulher, que partira após isso. Todas as culpas de sua vida e de outras, formando-lhe uma bolota dura no peito. Mas sua postura de muralha não se alterava, sua voz não era ouvida.

Tudo dentro, até corrigir erros próprios e alheios, até matar quem merecia morrer.

Mesmo Ingram, agora, ameaçava cansaço.

— O facínora tem razão em uma coisa, Orion — disse o anão. — Estamos caminhando desde o amanhecer. Daqui a pouco, não vamos mais conseguir enxergar nada nesse deserto queimado.

Rosto à frente; marcha.

— O que acha de descansarmos por hoje?

Marcha.

— Orion!

Parado, olhos no amigo, quase como se fosse inimigo.

— Crânio Negro está morto? — disse Orion Drake.

Ingram bufou, mordeu os lábios.

— Então continuamos.



Havia um castelão, um chefe dos estábulos, um capitão da guarda, um mestre de caçadas e um falcoeiro; até mesmo um responsável pelas cozinhas, um mestre da moeda para os resouros e despesas, e um capelão para a tranqüilidade espiritual. Mas não havia um bobo.

— O bobo desta corte sou eu — disse Orion.

O arauto disfarçou o comentário com um pigarro prolongado. Os senhores e senhoras na sala do trono fingiram não perceber, e Orion Drake manteve os olhos imersos na pedra nua das paredes. Como lorde, Orion parecia estar se esforçando em busca do séquito e domínio mais mortíferos. Em seu castelo, a sala circular de onde regia era austera e miserável, cadeiras simples dispostas ao redor sobre o chão sem adornos. As paredes também francas, sem uma tapeçaria ou símbolo heráldico; nem mesmo o brasão do Corvo, da Ordem da Luz ou a balança e espada de Khalmyr quebravam a continuidade do cinza. O que se chamava de trono era pouco mais que outra cadeira, o lorde grandalhão esparramado como um leão preguiçoso, as tábuas rangendo.

— Mestre Rhylo dos Bosques — anunciou o arauto. E, colocando-se de lado em um passo quase de dança, fez um gesto para o homem se aproximar. — Exponha seu caso ao lorde, mestre Rhylo.

Veio o homem alto e inadequado, vestindo suas melhores roupas de fazendeiro sem roupas melhores. Um chapéu volumoso e fofo que retorcia nas mãos, o rosto mal escanhado de quem nunca precisava se preocupar com isso. Ajoelhou-se numa mesura desajeitada (Orion desviou os olhos em pura vergonha) e inspirou uma quantidade enorme de ar, preparando-se. Abriu a boca, engasgou, tossiu, gaguejou vogais indiscerníveis, tornou-se cada vez mais escarlate. O arauto fez gestos encorajadores, mas o homem parecia prestes a morrer de embaraço e admiração.

Mais do que um lorde, Orion era um herói.

— Fale! — latiu o cavaleiro.

Rhylo dos Bosques como que destravou frente ao comando.

— Minhas terras vêm sendo invadidas, meu lorde — disse o homem.

Orion empertigou-se.

— Goblinóides? Bandidos?

— Bem, não. — Engoliu. — São os filhos de Herlon Thulm, meu vizinho. A cerca demarca nossas fazendas, meu lorde, mas os meninos insistem em invadir.

Orion fechou os olhos. Rhylo dos Bosques continuou sua história. Os garotos iam acompanhados de um cão. O animal cruzara com a cadela de propriedade de Rhylo. A cadela prenha não tinha condições de guardar a fazenda. Marmotas astutas aproveitaram-se para comer a produção de verduras.

— Herlon Thulm se recusa a pagar, meu lorde. Ele tem sobrenome, e por isso acha que é melhor do que eu. A colheita está chegando, e minha produção foi devorada.

O pior, pensava Orion, era a seriedade daquilo. Não era uma queixa fútil. Aquele homem arriscava um inverno de fome, talvez a morte de um filho. Era um drama monumental, em um mundo minúsculo, e Orion não sabia como resolver. Deveria mandar um batalhão de cavaleiros para confrontar Herlon Thulm? Ou talvez as marmotas?

O castelão sussurrou-lhe que, nesses casos, era do costume o lorde não fazer nada.

— Chega — disse Orion. — Traga-me os restos de qualquer verdura que tenha sido devorada, Rhylo dos Bosques, e vou pagar como se fosse o melhor vegetal sobre Arton.

O fazendeiro desfez-se em agradecimentos afogados, fez medidas em demasia e partiu.

Ser lorde, Orion descobria, era muito como um trabalho. Em seu castelo, ele governava soberano, mas era um servo de seu escasso povo. Como soldado, cavaleiro e até general, Orion cumprira ordens, seguira comandos, por absurdos que fossem. Como lorde, o mesmo — a diferença era sua absoluta incompetência.

O arauto anunciou o dilema seguinte. Entrou na sala um jovem casal, rosado com entusiasmo e vergonha. Mantinham as mãos separadas com extrema dificuldade. Pediam permissão para casar.

A esses, em especial, Orion era inferior.

Permissão concedida, seguiu-se o dia. Cabras morriam de doença. Homens desejavam construir moinhos. Mercadores pediam licença para vender. Aduladores arranjavam desculpas para beijar-lhe os pés.

Orion conhecia senhores de terra que não enfrentavam os mesmos problemas. Não serviam às pessoas, e nem se esforçavam em decisões difíceis. Apenas caçavam, festejavam, descobriam ou criavam algum conflito para exercitar o braço da espada. Orion, infelizmente, fora amaldiçoado com algo que lhe obrigava a cumprir o trabalho, uma prisão da qual outros estavam livres — caráter.

Tardinha, acabavam as audiências. Ainda vários do lado de fora, conformados, voltariam no dia seguinte. Orion passou por eles de olhos baixos, sentindo-se traidor indolente. Em sua direção, apenas respeito.

Deixou-se cair num banco comprido, à frente de uma mesa na ala dos serviçais.

— O castelo é grande demais, Ingram. O castelo é grande demais.

Ingram Brassbones teria dado um chute no amigo, se não soubesse que a preocupação era genuína.

— Às vezes, fico cansado só pensando em visitar você, Orion. Pare com essa ladainha.

— Não está vendo? O castelo é grande demais. Esta é a ala dos servos.

— Você não deveria estar aqui.

— Esta é a ala dos servos! Eu tenho outras alas, *só para mim*.

Uma garota trouxe pão e cerveja para os dois, fingindo não ver nem ouvir nada.

— As coisas são assim, Orion.

— Apenas para mim, entende? Quartos, corredores, salas. Cada um maior que as casas dos camponeses. E eles *não se ressentem*, Ingram. *Por quê?*

— Você é o lorde. Você é um herói.

— Estou pensando em banir essa palavra. Essas alas todas, só para mim, mais ninguém.

— E é lá onde você deveria estar. Aqui é a ala dos servos.

— Porque eu mereceria tanto?

— Eles *não querem* você aqui, Orion — Ingram deu um sussurro pontiagudo. — Não vê? Seu lugar é lá. Enquanto você estiver aqui, eles não podem conversar livremente, nem rir entre si, e nem fazer o que não devem. Deixe essas pessoas em paz!

Orion pareceu ter sido flechado.

— Isso é loucura, Ingram.

— Pense o que quiser. Os camponeses, os servos, todos os outros, conhecem e aceitam seus papéis. Talvez sejam um bando de idiotas, por preferirem passar o dia adubando a terra a ir ao mundo buscar fortuna. Mas eles estão em seus lugares. Quem está deslocado é você.

Orion mastigou um naco de pão, lavou-o com cerveja, ergueu-se.

— Vou terminar a refeição no meu quarto — anunciou.

— Sim, meu lorde — disse alguém.

As botas do anão e do cavaleiro ecoavam nos corredores sem nada.

— Sua barba está deplorável, seu humano neurótico. Parece que um texugo velho sentou na sua cara.

Orion forçou um olhar divertido.

— Você não pode falar nada. Dentro em pouco, vai fazer orgulho aos anões de Doherimm.

Ingram passou a mão pelo rosto. Os fios lixaram sua pele.

— Somos dois velhos relaxados, Orion.

Andaram.

— Sem sinal de Nadia? — disse o cavaleiro, sentando-se em um banco, já dentro do quarto.

Ingram fez que não. Nadia, companheira de Ingram por alguns curtos meses fundamentais, era uma súcubo, uma enviada de Tenebra, a Deusa das Trevas. Com a missão de seduzir

Ingram para um culto, acabara se apaixonando. Seu corpo fora destruído num acidente bizarro, e era impossível saber quando voltaria a Arton.

— Um dia, meu amigo — disse Orion.

— Ou nunca.

Conversaram sobre o mundo, sobre tudo que era insignificante. Fazia meses desde a última visita de Ingram, e nenhum dos dois conseguira um mapa dos absurdos da vida.

— Estou pensando em partir atrás de Vallen, de novo.

Silêncio. No último ano, fora uma jornada freqüente. Orion caçara seu pai, o Cavaleiro Risonho, que raptara Vallen, seu filho. Primeiro com certeza, depois com obstinação, e depois com desculpas. O rastro não existia, e era difícil manter a fúria acesa.

— Se decidir fazer isso, vou com você, Orion. Como sempre.

— Obrigado.

— Alguma pista nova?

— Não.

Era apenas algo a fazer.

Talvez em outro tempo varassem a noite em conversa. Do jeito como era, as palavras duraram pouco, até que Ingram se fechasse em um quarto e Orion em outro, cada um acalentando as incertezas.

Manhã, Orion voltava ao castelo, após cavalgada e exercícios antes do sol. Os camponeses já se aglomeravam, e os pequenos nobres que orbitavam como borboletas gananciosas. Por toda parte, casais. Iam pedir bênçãos para filhos recém-nascidos, ou requisitar alguma permissão, ou anunciar lealdade familiar ao lorde. Empinados ou humildes, estavam juntos, e Orion sentia-se emparedado por seu próprio isolamento, vendo uma intimidade achapante, logo fora do alcance. Apressou-se à sala do trono, comendo o jejum enquanto andava. O arauto anunciou a primeira audiência.

Um homem apresentou restos de verduras devoradas. Não era, no entanto, Rhylo dos Bosques. No dia anterior, a história da generosidade do lorde havia se espalhado nas fazendas. E os fazendeiros viram a chance de vender seus produtos sem arcar com custos de viagens, estradas perigosas ou trabalho. A quantidade de agricultores esperando do lado de fora sugeria uma invasão de marmotas. O castelão foi polido o bastante para não apontar que havia aconselhado contra a decisão.

Orion ficou um longo tempo sem falar nada.



— Escolha — disse Darien, jogando a moeda para cima.

Girou; o rosto de Tíbar, o Deus Menor do Comércio, piscando à lua. Darien apanhou-a no meio da trajetória e pressionou-a entre a palma e as costas da mão.

— Escolha — repetiu.

— Não é o procedimento — disse Miltham. — Você tomou a frente na última chamada, agora é minha vez. Você fica na porta do estabelecimento, e vigia a área ao meu redor.

— “Estabelecimento”?

— E não esqueça isso — disse Miltham, empurrando para Darien o apito.

Ele olhou o objeto como se fosse algo vindo de outro mundo.

— Se houver qualquer risco, sobre e espere reforços.

— Eu sei.

— Se todos seguirem o procedimento, não haverá problemas.

— Eu sei.

— Não há lugar para heroísmo na milícia de Roschfallen.

— Acredite. *Eu sei.*

O outro pôs a mão no cabo da maça, e assumiu um ar de autoridade.

Diziam que os meses quentes eram os piores — as pessoas ficavam loucas e acabavam esmurrando, quebrando, roubando e matando tudo que encontravam. Diziam que as noites de lua cheia eram as piores — um folclore comum na milícia de qualquer grande cidade. Mas naqueles quatro meses como miliciano de Roschfallen, Darien chegara à conclusão de que as piores noites eram as de frio repentino e fora de época, como aquela. Todos estavam acostumados com o calor e, à mera sugestão de inverno, enfurnavam-se em casa ou nas tavernas. Qualquer lugar com quatro paredes, um teto e uma lareira ficava lotado, os homens redescobriam o gosto pela bebida forte e logo começavam as brigas. Outros não tinham coragem de sair de casa, e logo viam que a convivência prolongada com suas esposas e filhos terminava em panelas e pratos voadores, e trabalho para a milícia. Em quatro meses como miliciano, Darien assustava-se por saber tudo aquilo. Era um conhecimento terrivelmente banal e insípido e, o pior, valioso. Por mais que tentasse resistir, uma espécie de bom senso teimava em escapar para sua cabeça, e ele começava a se acostumar com aquela vida.

— Em caso de dúvida, apite — disse Miltham.

— Quem sabe resolvemos essa sozinhos? Você e eu podemos dar conta de meia dúzia de bêbados.

Em resposta, Miltham assoprou o apito estridente, fulminando Darien com olhos severos e bochechas cheias. Virou-se e entrou na taverna.

Lá dentro, o de sempre. Um ou outro trabalhador bêbado fizera um comentário infeliz sobre uma nação que, por azar, era a terra natal da tia-avó de outro cliente. Os dois, irritados pelo clima, tinham passado rápido pelas formalidades e armado com eficiência o mal-entendido que levava à briga. Os demais fregueses agradeciam.

— Chega, senhores! Isso já basta! — gritou Miltham, com sua melhor voz de comando, abrindo a cotovelos o meio da confusão.

Darien postou-se à entrada, observando, como era o protocolo. Viu seu parceiro embrenhar-se na turba, dar ordens, segurar um grandalhão rosado, ser arremessado para longe. Com um suspiro tedioso, Darien olhou para fora (rua escura, gelada) e soprou o apito. Miliciano em perigo não-letal, duplas nas proximidades acudam, distúrbio controlável, força mediana requerida.

Mais uma vez, Miltham avançava ao nó de corpos se esmurrando, e de novo repellido. Caiu sobre o balcão, derrubou uma enorme jarra de cerveja morna. Pediu desculpas ao taverneiro, que começou a contabilizar o prejuízo que alegaria ao capitão da milícia. O lábio de Miltham inchava e escorria, e Darien agarrou o cabo da maça, fez menção de correr ao auxílio.

— Fique aí, Darien! — gritou seu parceiro. — O apito. O apito!

Largou a arma, recostou-se no batente, apitou de novo.

Miltham, parceiro de Darien naqueles quatro meses de rondas, pés doloridos, desavenças domésticas e gatos presos em árvores, era o retrato de tudo que um jovem miliciano deveria ser. Orgulhoso de várias gerações que lhe precediam, seu sonho era chegar a capitão, como o avô. Nunca lhe ocorrera deixar Roschfallen, a capital de Bielefeld. Nunca lhe ocorrera tentar a cavalaria na Ordem da Luz, meter-se em uma masmorra atrás de tesouros, caçar um monstro ou fugir com uma nobrezinha pelo bosque. Nunca lhe ocorrera deixar de lustrear as botas ou esquecer o apito — segundo ele, a maior arma de um miliciano, muito melhor que a maça. Miltham não era exatamente um idiota; demonstrava inteligência, até mesmo criatividade. Por isso, Darien não compreendia como o parceiro podia *gostar* tanto daquilo.

— Em nome do Rei Igor Janz, parem todos! — vociferou Miltham.

Darien apitou: miliciano em confronto direto, desvantagem numérica, situação se agravando. Os dois fregueses que haviam começado tudo agora se uniam. Um segurava Miltham, o outro desferia sonoros tabefes em suas bochechas.

— Gostaria de estar lá no meio, não é, colega? — disse um homenzinho magro e súbito, surgido ao lado da porta.

Darien quase recitou alguma regra da milícia, mas deixou os ombros penderem, e fez que sim.

— Eu também.

— E por que não está?

O sujeito indicou seu próprio pé direito, horrivelmente torto, em uma forma arredondada que não caberia em bota alguma.

— E você, por que não está?

Darien indicou o apito.



O tédio foi interrompido por um banquete.

Luz rara, Orion sorria. Naquela tarde, chegara ao castelo Bernard Branalon, o Paquiderme Galante, conde de Muncy e camarada mais antigo do lorde.

— Mas que diabos, Orion! — exclamou Bernard, por trás de uma boca cheia de frango. — Não há um decote decente neste castelo. Você deveria prestar mais atenção à criadagem.

Sir Bernard piscou para uma serviçal jovem e cheia, que riu para ele em troca. Orion mostrou os dentes num humor de madeira. Ingram tinha um ar solene de planejador. Talvez uma presença bombástica arrastasse o amigo do fundo.

Bernard Branalon era um homem grande em todo aspecto. Alto, precedido por um estômago lendário, cada braço um aríete, e barba florestal. Amava cavalaria, crianças e mulheres. Se gargalhava alto e não cessava os gracejos, era por seu espírito inquebrável. Um ano antes, Bernard vira alguns de seus muitos filhos corrompidos pela Tormenta, infectados por simbiontes, envolvidos no massacre que quase derrubara a Ordem da Luz. Matara um deles com as próprias mãos. Suas piadas escorregavam à vulgaridade por falta de costume, um ano inteiro de luto. Nunca iria se servir das raparigas como um tirano, mas já não sabia encantá-las como antes.

— O que acha de caçarmos amanhã, Orion?

Um encolher de ombros; não importa.

— Temos que fazer algo! Vou organizar uma liça. Um pouco de briga generalizada limpa o espírito e eleva o ânimo.

— Vamos ter formalidades nos próximos dias, meu amigo — disse Orion. — Afinal, se um conde visita, os nobres vão enxamear.

Bernard exalou de desgosto.

— Ora, mande preparar uma festa ou qualquer coisa assim para eles. Ouvimos os infelizes reclamarem e bajularem por algumas horas, e depois vamos fazer outra coisa. O que me diz?

Nada.

Ingram deu-lhe um chute.

— Odeio você, seu humano irritante.

— Uma liça, Orion! Que tal?

Pausa na comida.

— Algo semelhante a um *torneio*?

Mesmo os outros se enredaram de constrangimento. No ano anterior, durante um torneio, boa parte da desgraça começara. O pai de Orion, o Cavaleiro Risonho, competira, e o próprio Orion trapaceara, para matá-lo na justa. Logo antes do torneio, ele tomara o jovem traidor Darien como escudeiro. Logo depois do torneio, Vanessa partira pela primeira vez.

— Certo — disse Ingram. — Vamos falar do que todos estamos pensando. Você quer sair em outra jornada, Orion? Quer caçar o Cavaleiro Risonho? Estou com você.

— E eu, claro — disse Bernard.

Orion passou um tempo esburacando a mesa com seu garfo.

— Não tenho nenhuma pista nova — disse, por fim.

— Ao diabo com isso — Bernard golpeou a mesa. — Vamos procurar um oráculo, então. Ou um espião, não importa. Vamos nos meter em alguma masmorra, lutar contra algum monstro.

— Não precisam fazer isso por mim.

— Chega de sentir pena de você mesmo! — gritou Bernard Branalon. — Você precisa fazer algo. Não pode ficar — procurou o que dizer, oscilando a mão que apontava o amigo — *assim*.

— Se ele quisesse seu filho morto, poderia tê-lo matado antes — disse Ingram.

— Do que tem medo? Vamos!

Olhos para baixo. Orion não tinha medo do destino.

— Você tem medo do caminho — disse Ingram.

No caminho, poderia encontrar Vanessa.

— Conheço você e Vanessa desde que eram dois espinhentos se escondendo atrás dos estábulos — disse Bernard Branalon. — O que pode ser melhor do que reencontrá-la no meio de uma busca? Lutar juntos, matar o Cavaleiro Risonho juntos? Recuperar Vallen juntos?

— Não vai acontecer assim — disse Orion. — Vanessa tem razão. A culpa foi minha.

Ingram tapou os olhos com as mãos.

— Pois vou lhe dizer algo, *sir* Orion Drake — a voz de Bernard saiu quieta, baixa. Ele se ergueu, empurrou a cadeira. — *Foi culpa sua*. Vanessa tem mesmo razão. Se você tivesse ficado com seu filho no Castelo da Luz, nada disso teria acontecido. O Alto Comandante ordenou-lhe que fosse general, e você disse apenas que era um bastardo, que não merecia. Não disse que não *podia*, que tinha obrigações com Vanessa e Vallen. E está fazendo o mesmo agora.

— Bernard, chega —

— Se tivesse ficado no Castelo da Luz, nada daquilo teria acontecido. Você teria defendido Vallen. Eu não estaria cuidando dele. Camille não estaria cuidando dele. Eu estaria vigiando meus próprios filhos. Deseja se culpar? Ótimo, a culpa é sua mesmo. Mas faça algo, em vez de ficar se lamentando.

— *Bernard, chega* —

— Seu covarde.

Soco.

O punho de Orion acertou os lábios de Bernard, enviando o Paquíderme Galante vários passos para trás.

— Tem razão. *Chega*.

Bernard soltou um urro, virou a enorme mesa de banquete e jogou-se sobre o outro. Rolaram no chão, sob gritinhos das serviçais e protestos de Ingram. Bernard montou com um joelho sobre o peito de Orion, deu-lhe um murro trovejante, que fez sua cabeça rebater no chão. Orion bateu de novo e de novo nas costelas do oponente, até que Bernard cedeu e ele conseguiu se livrar de seu peso.

Bernard Branalon ainda ajoelhado, Orion cambaleou de pé, e deu-lhe um chute no queixo barbado. Foi agarrado na cintura pelas mãos de titã, e jogado sobre uma cadeira que se destruiu. Orion levantou a cabeça embaralhada, para receber um cotovelo certo no nariz. Outro golpe já vinha, e ele enviou as pontas dos dedos, rijas como ferro, contra a garganta de

Branalon. Tossindo e enxergando vermelho, o Paquiderme espremeu-o num abraço de urso. Orion sentiu o ar abandonando-o, as costelas rangendo, e pôs as mãos ao redor do pescoço do oponente, os polegares buscando o pomo-de-adão.

Um tiro.

Susto, ambos soltaram-se e desabaram para lados diferentes. Caíam minúsculos pedaços do teto, Ingram tinha uma pistola fumegante na mão.

— Os moleques vão parar, ou vou ter que fazer os dois dançarem?

Olharam-se, através de mil dores redondas.



Arrastavam o último beligerante ainda sem destino, bêbado demais para chegar em casa sozinho. Miltham tinha um olho roxo que crescia em velocidade e proporções alarmantes, e o nariz pela primeira vez quebrado. Respirava pela boca com um chiado horrível, e Darien imaginava a dor que estaria sentindo, mas o miliciano brilhava de contentamento. Nariz quebrado era um batismo na milícia, ninguém confiaria em um guarda de nariz retilíneo. E a resolução da briga através dos protocolos enchera Miltham de reafirmação cívica.

— Vamos deixar esse coitado em uma sarjeta por aí — disse Darien.

— Sabemos onde ele mora.

— Goblins me lambam, *nós* estamos patrulhando a região. Não vai acontecer nada com ele.

— O cavaleiro é cidadão de Roschfallen, Darien — disse Miltham, fanhoso. — Estamos aqui para servi-lo.

O cavaleiro acordou, os braços nos ombros dos dois milicianos. Olhou em volta com uma expressão intrigada e proferiu um imenso arrote, que logo virou um ligeiro jato de vômito. Deu um sorriso e dormiu.

Darien ficou sustentando o homem, enquanto Miltham batia à porta da casa indicada.

— Pelo menos fique você com ele. Você não consegue sentir o cheiro.

— Eu sou o miliciano responsável nessa chamada, Darien. Cuide do cidadão.

Uma matrona, alta e farta como um bebê gigante, veio atender a porta, com marcas de travesseiro e uma longa camisola que não cobria o suficiente.

— *Meu marido.*

— Boa noite, senhora. Seu esposo se envolveu numa altercação e, estando embriagado, achava-se incapaz de voltar ao lar sozinho.

— O que fizeram?

A mulher correu, balouçante, até Darien, e arrebatou-lhe o homem.

Enquanto Miltham continuava as explanações necessárias para pôr fim à chamada, a mulher viu os vermelhos e roxos no rosto do marido. Abriu uma bocarra úmida e começou uma chuva de golpes sobre Darien, cada mão uma tábua de carne.

— Senhora! — disse Miltham. — Estamos apenas trazendo seu marido para a segurança do lar.

— É isso que a milícia faz! — berrava a mulher. — Bate em pais de família trabalhadores, quando existem necromantes e ssszaazitas por toda parte, nos corredores do palácio!

— Senhora, não erguemos a mão contra seu esposo. Ele se envolveu em uma altercação na taverna, estando bastante embriagado.

— E agora carregam o traste bêbado e violento para mim? Eu devo lidar com isso, porque a milícia está ocupada demais recebendo subornos e fazendo pactos com demônios!

A cabeça de Darien zumbia com os impactos das manzorras. Ele levou o apito aos lábios.

— Não, Darien — disse Miltham. — Não é necessário chamar reforço, nesta situação.

Enquanto isso, o bêbado permanecia estirado e relaxado sobre os paralelepípedos. Abriu um olho, viu a situação de Darien, sorriu para ele:

— Ah, as mulheres.

E apagou.



— Não funciona assim — disse Ingram. — Vocês se espancaram; agora, voltem a ser amigos.

— Não sou criança, mestre anão — disse *sir* Bernard, preparando a bagagem. — Posso ter me exaltado, mas nada do que eu disse é mentira. Ensinei Orion Drake a beber. Acolhi-o em minha casa, quando ninguém lhe olhava na cara. E disse uma centena de vezes que ele deveria agir diferente. Se você quiser ficar com seu amigo, esbalde-se. Ele pode me procurar quando tiver mudado.

— *Sir* Branalon —

— Não me entenda mal. Amo Orion. Não como um irmão, ou mesmo como um filho. Não sei explicar, mas esse desgraçado me enche de orgulho. Ele poderia ser Alto Comandante da Ordem da Luz, e é um dos melhores homens que já nasceram em Arton. Mas é impossível ficar perto dele.

Ingram se calou.

— Se estiverem em perigo, serei o primeiro a protegê-lo na parede de escudos. Atiro-me em sua frente para qualquer número de flechas. Mas não me peça para conviver com ele.

Bernard despediu-se de Ingram, dos empregados, e partiu.

— Mais um foi embora.



Saindo do mar de cinzas, os três conseguiram avistar uma cidade, ao longe. Difícil saber, porque a visão enganava. O sono cobrava seu preço, dois dias e uma noite atrasado. Houvera

uma espécie de cochilo enquanto andavam, um estado como de transe em que a mente se desligara do corpo. E por mais de uma vez houvera alucinações, recortes de sonhos. Mas:

— Estão vendo aquilo? — disse Ingram.

Era real. As espiras de uma cidade no horizonte, depois de uma planície vasta ladeada de montanhas. E, emergindo da cidade, mais do que a visão, uma inquietação, um incômodo crescente. A impressão de insignificância, um medo instintivo que não vinha de dentro: era projetado, tão real e palpável quanto vento ou calor.

— Estão vendo *aquilo*? — disse Darien.

Estavam.

Do meio das espiras, erguiam-se duas formas aladas e esguias de dragões.